

**SISTEMA FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS:
REDISCUINDO O CONSENSO***
(The Phonological System of Portuguese: a Reappraisal)

Wilmar da Rocha D'ANGELIS
(Departamento de Lingüística – IEL – UNICAMP)

ABSTRACT: Problems identified in the study and analysis of the phonology of Brazilian Indian languages belonging to the Macro-Jê branch such as Kaingang, Maxakali, and Mebengokre led the author to confirm the accuracy of some intuitions on the part of Piggott (1992) and Rice (1993) on dealing with relations between nasality and sonorancy (D'Angelis 1998). The applicability of the approach to the distinct processes of nasality and nasalization in Portuguese was verified with surprising results that recover some intuitions of Trubetzkoy (1939) and contribute to reconfirm the Mattoso Câmara's (1953; 1970) considerations, but at the same time go beyond them. This article presents the result of this investigation and its conclusions that suggest the validity and the necessity of reexamining even the "phonemic inventory" of the Portuguese language, an issue not at all questioned in the teaching of phonology, to take into account the linguistic changes in the phonological system of that language in the last fifty years.

KEY-WORDS: Phonological Theory, Brazilian Portuguese, Manner Features, Nasality

RESUMO: O presente artigo propõe uma revisão do 'consenso' em torno da fonologia da língua portuguesa, consenso esse que, partindo de uma leitura simplificadora da clássica análise de Mattoso Câmara Jr, permanece na base das abordagens da fonologia dessa língua que aparecem tanto em manuais como em obras especializadas, mesmo aquelas de corte não-linear ou otimalista. Este artigo busca verificar a possibilidade de aplicação de uma abordagem autossegmental com apoio em uma representação por geometria de

* A parte central desse trabalho, com o mesmo título, foi apresentada na forma de comunicação ao VI° Congresso Brasileiro de Fonética e Fonologia. Niterói, 27-29 nov. 2000.

traços em uma configuração bastante específica, desenvolvida pelo autor (D'Angelis 1998) a partir de intuições e propostas de Piggott (1992) e Rice (1993) para tratar processos envolvendo nasalidade e soanticidade em línguas indígenas brasileiras. Ao mesmo tempo, o texto recupera intuições de Trubetzkoy, da Fonologia de Praga, inspiradora daquela análise inaugural de Câmara Jr.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Fonológica, Português Brasileiro, Traços de Modo, Nasalidade

1. Introdução

Problemas levantados pelo estudo e análise da fonologia de línguas indígenas do tronco Macro-Jê – como o Kaingang, o Maxakali e o Mebengokre – levaram-me a confirmar (em D'Angelis 1998) a justeza de algumas intuições de Piggott (1992) e Rice (1993) ao tratar de relações entre nasalidade e soanticidade. Verifiquei, então, a aplicabilidade daquela abordagem aos distintos processos de nasalidade e nasalização em língua portuguesa, com resultados surpreendentes, que ao mesmo tempo revalorizam a contribuição de Mattoso Câmara Jr. (sem estacionar nela) e igualmente recuperam intuições de Trubetzkoy. Este artigo apresenta o resultado desse empreendimento e suas conclusões sugerem a validade e a necessidade de se retomar até a análise do próprio “inventário fonêmico” do Português, questão em geral não problematizada no ensino da fonologia, inclusive para tomar em conta as mudanças em andamento no último meio século. De fato, existe uma certa aceitação geral de que a parte que diz respeito à “fonêmica”¹ da língua portuguesa está seguramente bem definida. Recusar esse consenso é uma das preocupações desse texto.

No presente artigo, trabalho com pressupostos do modelo autosegmental e, em especial, com uma particular configuração de Geometria de Traços para o que se refere aos traços [soante] – aqui substituído por SV, ou *Vóz Soante* –, [nasal] e [voz]. Com esse instrumental promovo uma revisão do clássico tratamento dado à Fonologia do Português por Mattoso Câmara Jr., valorizando algumas de suas intuições originais.

¹ Adotando aqui uma distinção sugerida por Câmara Jr, que circunscreve “fonêmica” ao “inventário” dos fonemas da língua (Em *Problemas de Lingüística descritiva*, [1969] 1976:16, nota 6: “A tendência hoje é limitar o âmbito da fonêmica, dentro da fonologia, ao levantamento técnico dos fonemas”).

2. Nasais e Nasalizadas

2.1. *Nasal* & *[nasal]*²

Um aspecto central em D'Angelis (1998) é a discussão do tratamento dado à nasalidade e aos processos envolvendo nasalização, harmonia nasal e desnasalização, particularmente em línguas indígenas da América do Sul. Especialmente relevante, naquele trabalho, é a avaliação que faz da proposta de Piggott (1992), resgatando-a em sua intuição fundamental para dar-lhe uma reinterpretação e melhor desenvolvimento.

Em termos sintéticos, Piggott sugere que os diferentes padrões de harmonia nasal observados nas línguas do mundo não se devem a impedimentos colocados nas regras particulares de cada língua (como foram tratados costumeiramente, em análises anteriores) mas, antes, a diferenças na própria organização interna (e, conseqüentemente, na representação) dos segmentos³. Fonte importante dessa diferença seriam, para ele, os dois modos pelos quais o traço *[nasal]* pode ser organizado nos sistemas fonológicos⁴.

Desenvolvendo aquela intuição fundamental (demonstrando suas dificuldades no modo como foi formulada primeiramente por Piggott), defendi que, quando *Nasal* for um traço *fonológico* (monovalente) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó articulador *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (ou seja, onde quer que a oposição *nasal x oral* opere fonologicamente)⁵. Por outro lado, a simples presen-

² Os pontos II.1 e II.2 sintetizam os tópicos 7.1 e 7.2 de D'Angelis (1998). Uma panorâmica daquela tese encontra-se em D'Angelis 1999.

³ Os dois padrões de harmonia nasal (HN) seriam: (i) existe, na língua que apresenta HN-1, um conjunto de consoantes que *bloqueiam* o processo, e esse conjunto deve incluir as obstruintes descontinuas (ex: Warao, Capanahua); (ii) na língua que apresenta HN-2, todas as obstruintes são *transparentes* e todas as soantes são *alvas* (ex: Barasano do Sul, Guarani).

⁴ Piggott propõe que, no caso das línguas em (i) [nota anterior] o traço *[nasal]* é dependente de SP (*Soft Palate*) e HN se dá por espalhamento de SP, sendo bloqueado por segmentos especificados para SP; em (ii) o traço *[nasal]* é dependente de SV (*Spontaneous Voicing*) e é o espalhamento do traço *[nasal]* que produz HN, sendo as obstruintes transparentes por não possuírem SV.

⁵ Como Piggott, portanto, defendo que "*Gramáticas que organizam [nasal] como um dependente do nó-SP são aquelas que selecionam o véu palatino como um articulador ativo.*" (Piggott 1992:50). À diferença de Piggott, porém, entendo que o nó SP não pode ser exclusivo de consoantes.

ça do traço fonético [nasal] não implica a presença fonológica do traço correspondente. No caso de línguas onde é relevante uma correlação opositiva do tipo *soante x obstruente*, uma série consonantal soante, com obstrução na cavidade oral, necessitará um recurso adicional para realizar a soanticidade: no caso, o faz pelo abaixamento do véu palatino, de forma que, aqui, a nasalidade é apenas consequência (ou condição) da implementação do traço *Spontaneous* (ou *Sonorant*) *Voicing* (SV)⁶. A aplicação dessa proposta mostra ganhos na interpretação, por exemplo, de línguas que distinguem consoantes nasais surdas e sonoras (como o Islandês e o Krenak), assim como confirma as intuições de que efetivamente há diferenças, quer nos processos de vozeamento, em diferentes línguas, quer no estatuto da nasalidade em diferentes sistemas fonológicos.

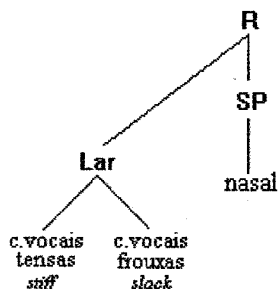
Pode-se dizer que, diferente da proposta de Piggott (1992) que sugere alocações alternativas para o traço (distintivo, fonológico) [nasal], minha proposta reconhece apenas *um traço fonológico* Nasal, com uma única alocação: a proposta confirma a sugestão de Sagey (1986) de que Nasal (um traço monovalente) está alocado sob um nó-articulador SP (*Soft Palate*). Por outro lado, postulo que a presença de um traço [nasal] pode ser observada em segmentos com voz soante (SV = *Sonorant Voicing*) que apresentem obstrução no trato oral. Nesse caso, porém, [nasal] é apenas um recurso fonético (concretamente, [abaixar Véu Palatino]) para implementação do traço de soanticidade.

Para os traços em discussão, a reconfiguração de uma geometria de traços sugerida em D'Angelis (1998) é apresentada a seguir⁷:

⁶ Com a oclusão no trato oral, outros recursos são possíveis para garantir vozeamento, como por exemplo, a expansão e retraimento faríngeo. Nesses casos, porém, não se produz Vozeamento Espontâneo.

⁷ A vinculação diretamente ao nó Raiz não está em questão nesse momento. O traço Nasal é monovalente. As pequenas flechas na vertical em (b) são um recurso para indicar que apontam para a implementação fonética do traço. Sob o nó Laringeo em (a), por simplificação, represento apenas os traços que substituem o traço [voz]. SV e qualquer desses 2 traços representados sob o nó Laringeo são mutuamente excludentes, porque caracterizam tipos distintos de vozeamento: um presente em obstruientes, outro em soantes.

a. obstruintes nasais



b. soantes nasais

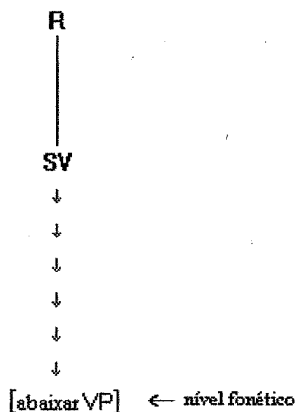


Fig. A – Esquema de Obstruintes Nasais x Soantes Nasais

2.2. O caráter não-tipológico do problema e o caráter amplo da proposta

Um exemplo que me parece bastante elucidativo da idéia de que a nasalidade pode estar organizada de forma diferente nas línguas é o do Islandês, língua que contrasta consoantes nasais surdas e sonoras (cf. Pétursson 1973; 1994). Como distingue, o Islandês, consoantes *nasais surdas* de *nasais sonoras*?

Nas abordagens tradicionais se pensaria que todas as nasais estariam na classe das *soantes*, o que aqui seria ‘traduzido’ como: todas possuem subjacentemente o nó SV. Mas, se é esse traço que *define o vozeamento de soantes* (Rice 1993:314), como caracterizar *soantes que não soam*, isso é, que não vozeam espontaneamente? Recusando o contrasenso, construímos uma solução inspirada na proposta de Piggott: se aceitarmos que uma primeira oposição significativa nessa língua não é a oposição *soantes x obstruintes*, mas exatamente a oposição *oralidade x nasalidade*, devemos propor que aquelas consoantes, em Islandês, são *todas especificadas* subjacentemente para *Nasal* sob o nó SP (*Soft Palate*). *Dentro desse grupo das nasais* distinguem-se, finalmente, as *sonoras* das *surdas*: umas pelo traço *Cordas Vocais Frouxas* (ou:

c.v.Frouxas), outras por *Cordas Vocais Tensas (c.v.Tensas)*⁸, sob o nó Laríngeo, como vemos abaixo:

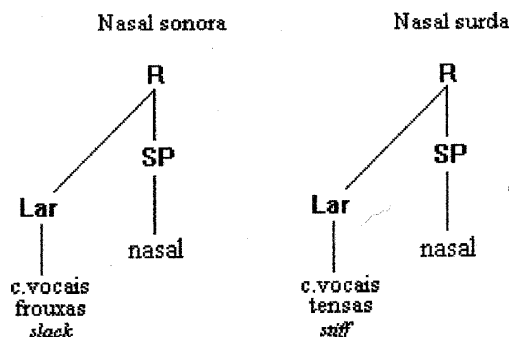
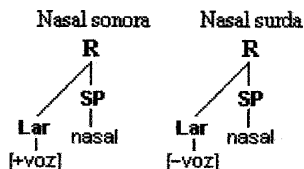


Fig. B – Nasal Sonora x Nasal Surda

No Islandês fica, assim, claramente representada a existência das *oclusivas nasais (obstruintes nasais ou nasais descontínuas*, como preferem vários autores). E fica claro também que *oclusivas (ou obstruintes) nasais* serão diferentes de *soantes nasais*. *Nas primeiras não há relação necessária entre vozeamento e nasalidade*, ao contrário do que ocorre nas últimas.

O Krenák, língua indígena do tronco Macro-Jê, distingue igualmente consoantes nasais sonoras de consoantes nasais surdas.⁹ Trabalhando com o modelo gerativo padrão, aos moldes de SPE, Thaís C. Silva (1986) – seguindo Hyman (1975:45) – afirma: *se observarmos os parâmetros articulatórios envolvidos na produção de segmentos nasais desvozeados, verificamos que não ocorre*

⁸ *c.v.Frouxas* e *c.v.Tensas* substituem a tradicional oposição [+voz] x [-voz]. Essa troca, porém, não é crucial aqui, porque não afeta o teor fundamental da proposta em discussão (para esclarecimentos, cf. D'Angelis 1998:229-231). Adotando o tradicional traço [±voz] teríamos:



⁹ Exemplos (Silva 1986:83):

ṃak	“perna”	ṇa'ruk	“dormência no corpo”	ṇa'ṇik	“abraçar, cinto”
mak	“máquina”	na'ruʔ	“aldeia, cidade”	ṇa'ṇik	“mexer, incomodar”

o vozeamento espontâneo. Considerando portanto a definição do traço sonorante, parece-nos mais adequado caracterizar como [-sonorante] os segmentos nasais desvozeados (Silva 1986:72).

Significa dizer – em minha interpretação – que com os recursos possíveis em FGP, Silva reconheceu dois tipos de consoantes nasais em Krenák: as soantes (sonoras) e as obstruintes (surdas).¹⁰ Mas na falta de uma interpretação assim, a teoria fonológica teve que aceitar e dizer coisas bastante paradoxais, como afirmar a existência de soantes sem sonoridade. Veja-se a seguinte passagem na qual o próprio Hyman (1975), em quem Silva se baseou para classificar as nasais surdas como [-soante], deixa entender, por contraste, que pode haver línguas que apresentem *soantes surdas*:

Existem algumas redundâncias que não são universais mas que são freqüentemente atestadas nas línguas. Desse modo, a maioria das línguas tem apenas soantes vozeadas (ou seja, nasais, líquidas, gláides e vogais) e nenhuma desvozeada (surda). No entanto, o Burmese apresenta completo contraste entre consoantes nasais sonoras e surdas, como nos seguintes exemplos (Ladefoged 1971:11):

[mà]	'sadio'	[nà]	'dor'	[Nà]	'peixe'
[m̩à]	'ordem'	[n̩à]	'narina'	[ŋà]	'aluguel'

*Dessas palavras pode-se perceber que vozeamento é **distintivo** nas consoantes nasais em Burmese (Hyman 1975a:8).*

Não há como não concordar com a conclusão *final* de Hyman, mas dada a estrutura segmental assumida acima, não é preciso que aceitemos a proposição da existência de “soantes desvozeadas”. Ao contrário, sugiro defender a *universalidade* da presença de vozeamento em *soantes* assumindo o nó-traço *SV* (Voz Soante) como subjacente nelas, e interpretando os casos como o do Burmese da mesma forma como interpretamos o Islandês.

Na seção seguinte trato da aplicabilidade das discussões acima à análise da fonologia do Português.

¹⁰ Pode-se aceitar que, no modelo que se está assumindo aqui, essa possibilidade também existe, e deva ser investigada. No entanto, parece mais previsível que a língua adote *um tipo* de consoante nasal específico quando “queira” opor nasais surdas a sonoras, qual seja, a obstruinte nasal.

3. Português

Uma vez aceita como boa hipótese a proposta da alocação da nasalidade acima apresentada, o interessante é avaliar suas conseqüências para a análise do Português, uma língua para a qual se costuma julgar a fonologia (ao menos no tocante ao “inventário” fonêmico¹¹) bastante bem resolvida. É comum afirmar-se que o sistema fonológico ou inventário fonêmico do Português contém uma ‘série nasal’¹². A representação aqui admitida para a nasalidade (um desenvolvimento e correções que propus à proposta de Piggott), poderia contribuir para uma melhor interpretação do Português? Por esse recurso, seria possível avaliar a adequação de uma proposta de análise como a de Mattoso Câmara Jr., corroborá-la ou evidenciar suas deficiências? Poderíamos decidir se a língua portuguesa contrasta consoantes *nasais* a *não-nasais*, ou se a correlação opositiva relevante se dá entre *soantes* e *obstruintes*?¹³.

Tratarei da análise de Mattoso Câmara Jr., por ser pioneira (inspiradora de tantas outras) e a mais coerente e abrangente análise fonológica da língua portuguesa até os anos 80. Na clássica e difundida versão, publicada em *Estrutura da Língua Portuguesa*¹⁴, após apresentar o conjunto dos 19 fonemas consonantais portugueses presentes em posição intervocálica¹⁵, Mattoso Câmara afirma:

¹¹ Da perspectiva teórica que assumo, a noção de “inventário” não pode ter um estatuto teórico, mas apenas um uso comum.

¹² Cf., por exemplo: Lopes 1987:103-4; Callou & Leite 1990:69; Abaurre & Pagotto 1996:499-500; Cagliari 1997:38-40; Silva 1999:137.

¹³ Vale lembrar que, assim como na Fonologia Gerativa Padrão, em Geometrias de Traços que *não* incorporam a proposta de Piggott (ou seja, todas exceto D’Angelis 1998), *soantee nasal* acabam sendo redundantes, o primeiro traço sendo previsível a partir do segundo.

¹⁴ Registre-se que a primeira análise de Câmara Jr. para a fonologia do Português – que foi sua tese de doutorado, publicada em 1953 (*Para o estudo da fonêmica portuguesa*) – distingue-se dessa versão mais conhecida, pela diferença no tratamento das *vibrantes* (ou seja, das relações entre “erre brando” e “erre forte”). Yonne Leite (1990:34) define a publicação da primeira análise de Câmara Jr. como “*um marco na história da lingüística brasileira*”.

¹⁵ O quadro dos fonemas em questão é:

/p/ : /b/ : *roupa:rouba* ; /t/ : /d/ : *rota:roda* ; /k/ : /g/ : *roca:roga*

/f/ : /v/ : *mofo:movo*; /s/ : /z/ : *aço:azo*; /s'/ : /z'/ : *acho:ajo* (ou: *queixo;queijo*)

/m/ : /n/ : /ɲ,ɲ/ : *amo:ano:anho*

/l/ : /ʎ,ʎ/ : *mala:malha*

/r/ : /r'/ : *erra:era*

(Câmara Jr. [1970]1982:48)

O critério para as oposições distintivas poderia ser, evidentemente, qualquer outro com qualquer outra distribuição das 19 consoantes entre si. O que aqui se escolheu, partiu da distribuição usual, já referida, em consoantes oclusivas, constrictivas, nasais, laterais e vibrantes. (Câmara Jr. [1970] 19991:48).

Segue-se o detalhamento das diferenças em cada grupo (surdas e sonoras, pontos de articulação, etc.). Entretanto, Câmara Jr. retoma adiante a questão da forma de apresentação (e interpretação) do conjunto de consoantes, do seguinte modo:

Já vimos, entretanto, que essa divisão e conseqüente classificação das consoantes, embora a usual, é por demais fonética, e, segundo a metáfora de Jakobson, traz para a fonologia a fonética 'com pele e ossos, por assim dizer'.

Do ponto de vista fonológico, e auditivo antes que articulatório, oclusivas e fricativas têm em comum a circunstância de serem francamente consonânticas (com um efeito auditivo de forte embaraço à corrente de ar, que nas oclusivas é o de uma plosão, e nas constrictivas o de uma fricção). Temos assim os fonemas consonânticos puros, plosivos e fricativos, respectivamente. As nasais, laterais e vibrantes se associam por uma combinação do consonântico com o vocálico (sonântico). Nas nasais há ressonância nasal; nas outras duas séries só há ressonância oral, diferindo entre si pelo ruído de oclusão parcial (/l/ e /l/) e pelo de vibração (/r/ e /r') (Câmara Jr. [1970]1982:49-50 – destaque meus).

Seguem-se as oposições “mais baixas”, relacionadas a ponto de articulação, etc.

O que se destaca, aqui, é que na mais pura tradição pragueana (leia-se, sobretudo, Trubetzkoy), Câmara Jr. distingue, no Português, uma *correlação* básica *obstruintes* x *soantes* (nos termos dele, acima, *consonânticos puros* x *sonânticos*).

Como bem lembrou Yonne Leite, *a linha de análise fonológica que irá vencer em nosso País não será a de Mattoso Câmara, mas sim a do estruturalismo distribucional norte-americano* (Leite 1990:35), razão porque pouca atenção se deu, por muitos anos, às intuições e propostas daquele pioneiro¹⁶. A

¹⁶ Minha afirmação parece contradizer a listagem (não exaustiva) de Leite (1990:34) que visa atestar sua constatação de que “*não há um trabalho sobre fonologia do português no Brasil que não o cite [Mattoso Câmara 1953] e não o use como referência fundamental*”. Os exemplos que Leite arrola cobrem o período de 1961 a 1981. Isso pode significar uma perda de interesse pela análise *mattosiana* a partir das abordagens não-lineares, mas também não é categórico que todo o trabalho que cite

Fonologia Gerativa Padrão viria a resgatar algumas daquelas intuições que se coadunavam com seu quadro teórico (por exemplo, a adoção das formas “abstratas” de Mattoso Câmara como as formas “subjacentes” para a fonologia) e as fonologias pós-lineares recuperariam outras (por exemplo, a renomeação dos “arquifonemas” como segmentos inespecificados para certos traços, o que era interdito à FGP, ou mesmo a análise das “vibrantes” como um único fonema¹⁷). Ainda assim, manteve-se um tratamento fragmentário da proposta daquele autor, até porque o pressuposto funcional-estruturalista fundado na noção saussureana de “valor” foi sendo diluído e ofuscado pelas preocupações cada vez mais formalizadoras que, no entanto, não o renegaram.

Proponho, portanto, uma mirada um pouco mais de perto na sugestão do grande mestre (*adepto, talvez o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga – Leite 1990:35*) de que a *oposição fonológica fundamental* entre as consoantes no sistema fonológico do Português seja entre *obstruïntes* e *soantes*, e de suas possíveis conseqüências. Apresentemos, primeiramente, um quadro (das consoantes em posição intervocálica) conforme a sugestão em questão (Quadro 1).

	OBSTRUINTES	SOANTES
descontínuas	p t k b d g	m n ɲ r {r}
contínuas	f s ʃ {x ~ h} v z ʒ	l λ

Quadro 1 – Quadro das Consoantes do PB,
inspirado em Mattoso Câmara Jr.

Câmara Jr o tome por “*referência fundamental*” no sentido amplo que eu emprestaria à expressão. Em muitos casos (pelo menos – e sobretudo – nos anos 90) não é incomum que a obra daquele autor tenha apenas o lugar do registro histórico ou, como afirmo adiante, um tratamento fragmentário.

¹⁷ Monaretto (1992), apud Monaretto et alli (1996:222ss).

O quadro 1 atende, além da divisão fundamental, à oposição secundária apontada por Mattoso Câmara no grupo das obstruintes (*plativas x fricativas*). No entanto, reinterpreta a sugestão do autor para uma diferença secundária no grupo das soantes (aquela no conjunto das líquidas), aqui tomada como uma distinção no tocante ao traço contínuo¹⁸.

Entre chaves apresento, no quadro 1, uma *mudança* consagrada na língua nos anos posteriores àqueles trabalhos do autor: aquilo que era, em seu tempo, fonologicamente uma *vibrante múltipla* /r/ oposta a uma *vibrante simples* /r/ (e que foi assim tratada na tradição fonêmica distribucionalista que se contrapôs à primeira análise de Mattoso) hoje é uma *fricativa* (foneticamente [x] ou [h], mas fonologicamente /X/) oposta a uma *soante* (/r/), em onset (na coda, há neutralização entre /r/ e /x/)¹⁹. Esse caso é altamente relevante para corroborar a análise apresentada: uma vez que a correlação opositiva (fonológica) fundamental da língua é entre *obstruintes* e *soantes*, e uma vez que a oposição entre *vibrantes* mostrava-se bem pouco produtiva, os falantes (novas gerações) preferem interpretar (ou refazer) aquela oposição localizada (isolada), nos termos da oposição geral e mais produtiva²⁰.

¹⁸ Mattoso Câmara refere à distinção, no grupo das líquidas, como diferença pelo “ruído de oclusão parcial” de /l/, /l/ x “vibração” de /r/. Afasto-me desta interpretação ao não reconhecer “oclusão parcial” nas laterais mas, ao contrário, partindo de evidências acústicas, reconheço descontinuidade em /r/. Minha interpretação, que economiza o emprego de um traço “lateral” de rendimento mínimo na língua, não afeta a discussão principal acerca de soante e nasal.

¹⁹ Significa que o quadro mostra um fonema /r/, soante, que já não é parte do sistema (embora o fosse no tempo da análise mattosiana); em seu lugar tem-se hoje uma fricativa /X/ (que no quadro é apresentada em suas formas fonéticas mais correntes – i.e., [x] e [h] – em função da continuidade da argumentação). Sobre a realização fonética do “R forte”, Mattoso Câmara constatou a *variação* verificada em seu tempo: “a língua vibra (...) em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção faríngea” (Câmara Jr. [1970] 1991:49).

²⁰ Uma outra correlação se confirma produtiva nesse processo de mudança da vibrante: a oposição entre *contínuas* e *descontínuas*. Anote-se, de passagem, que a mudança consagrada do “R forte” está consignada em recentes trabalhos em sociolinguística variacionista, como por exemplo, em Callou, Moraes & Leite (1996:486-487): “a passagem r → x não pode ser considerada um enfraquecimento. É antes um fortalecimento, pois a líquida [r] está numa posição baixa na hierarquia [de uma escala de sonoridade – WRD], sendo mais fraca que a fricativa velar [x], que está mais acima na escala de força”. Cagliari (1997:34) já tem afirmado que, no Português Brasileiro “não existe mais a oposição entre uma vibrante múltipla e uma simples, mas entre uma fricativa velar e um tepe”. No entanto, o mesmo autor não interpreta isso em termos de reorganização dos sistema fonológico. Aliás, em franca contradição com a afirmação aqui transcrita, no mesmo trabalho Cagliari reduz a oposição entre os “erres” à diferença no valor do traço [distribuído] em um par de soantes descontínuas (Cagliari 1997:28 – matriz dos traços não redundantes).

Há um outro aspecto, na transformação do “erre forte”, que confirma essa análise. Observe-se que a série das obstruintes contínuas ocupa três posições articatórias. Se as definirmos pelos traços [coronal] e [anterior], teremos o seguinte resultado (Quadro 2).

	f v	s z	ʃ ʒ	x ~ h
anterior	+	+	-	-
coronal	-	+	+	-

Quadro 2 – Pontos de Articulação das obstruintes contínuas

O quadro 2 mostra que a posição que combina os valores [-anterior] e [-coronal] era a posição disponível e mais favorável. Isso talvez explique porque as pronúncias fricativas de “erre forte” possam variar, no mesmo dialeto, entre fricativa velar e glotal: ambas as posições são indistintas em relação àqueles dois traços com valor negativo.

Voltemos, porém, ao problema da relação entre soanticidade e nasalidade e a aplicação dessa discussão ao Português. Pelo que vimos acima, a análise da oposição fundamental entre *soantes* e *obstruintes* parece sustentar-se, inclusive justificando dados de mudança lingüística. Se a proposta em D’Angelis (1998), baseada em Piggott (1992), estiver correta, gostaríamos que confirmasse a análise de Mattoso Câmara acima exposta e, ao mesmo tempo, desautorizasse análises do Português que sugerem ser relevante a correlação de *nasalidade* nas consoantes.

Dado que, em Português, pela própria análise de Câmara Jr, não consideramos a existência de uma oposição entre *vogais nasais* e *orais* (uma vez que as vogais com nasalidade são entendidas como parte de uma sílaba fechada por consoante nasal), de acordo com os pressupostos assumidos, nessa língua as vogais *não são marcadas*, subjacentemente, com o nó SP (porque nasalidade não é correlação ativa entre vogais). Sabemos, no entanto, que há *dois contextos* em que as vogais recebem nasalidade de uma consoante contígua:

(i) o contexto em que a vogal é núcleo de sílaba cuja coda é uma consoante superficialmente nasal – tipo (C)VN²¹;

(ii) o contexto em que a vogal integra sílaba aberta seguida de sílaba iniciada por consoante superficialmente nasal – tipo (C)V.NV²².

Se admitimos que as consoantes superficialmente nasais – [m], [n] e [ɲ] – são marcadas subjacentemente para *voz soante* (traço SV), explicaremos a nasalização de vogais da sílaba precedente – do tipo referido como (ii) – por um dos seguintes mecanismos:

1. Compartilhamento fonológico do traço SV, que leva ao espalhamento fonético da nasalidade empregada para o vozeamento espontâneo da consoante²³. De fato, sugere-se que uma ambissilabidade seja realizada, e a consoante seja também coda da sílaba anterior²⁴.

Abaurre & Pagotto (1996:522) verificam, aliás, que “a nasalização ocorre em 100% dos casos quando a consoante que segue a vogal é nasal palatal”. Por razões tanto históricas como fonéticas, essa consoante é

²¹ O termo “superficialmente” opõe-se a “subjacentemente”, em função da proposição aqui assumida segundo a qual a presença fonética de um traço (como nasal) não significa relevância fonológica (e, portanto, presença subjacente na representação do segmento). “Superficialmente” não é, porém, um equivalente exato de realização fonética, uma vez que esta pode variar (efetivamente, sempre varia) e, no caso das codas ditas ‘nasais’, eventualmente não se realizam por algum murmúrio com características consonantais.

²² Nesse segundo contexto a nasalização é frequentemente um pouco mais fraca, e contextos em que a sílaba em questão não é a tônica desfavorecem a percepção e a própria realização dessa nasalidade. Abaurre & Pagotto (1996) – trabalhando com um *corpus* de mais de quatro mil dados – demonstraram que as posições pós-tônicas são as menos favoráveis ao referido espalhamento de nasalidade. Observaram também que o fato da vogal estar situada em junção de palavra impede fortemente a nasalização. Em outras palavras (como concluem aqueles autores) não se trata simplesmente de “*uma regra pós-lexical de detalhe fonético*”, mas antes, “*trata-se de um processo que respeita o nível morfológico em que a vogal se encontra, devendo a regra, portanto, fazer referência à informação morfológica*” (Abaurre & Pagotto 1996:503). Isso leva os autores a concluir que esse tipo de nasalização é um processo de nível intra-vocábulo.

²³ Que OCP obrigue o compartilhamento do traço SV entre um Núcleo e uma Coda, e até entre um Núcleo e um Onset seguinte (caso haja ambissilabidade), mas não possa exigir o mesmo compartilhamento entre um Núcleo e o Onset da própria sílaba é compreensível pelo tipo de relações hierárquicas diferentes que existem entre Onset e Núcleo e entre Núcleo e Coda. No entanto, não parece necessário formular uma tal restrição, como veremos na seqüência do texto.

²⁴ A ambissilabidade seria, fonologicamente, consequência do compartilhamento de SV. Do ponto de vista fonético marcaria ou seria marcada por efeitos de co-articulação ou sobreposição de gestos mais “fortes” do que aqueles observáveis entre vogais e outros onsets (descontínuos) à sua direita (Ex: tramo x trapo, pena x peta, grunhe x grude).

favorecida para expressar a ambissilabidade sugerida. Veja-se casos como: *tam magnu-* > *tamanho*, *pinum* > *pão* > *pinho*; *mea* > *mia* > *mãa* > *minha*. No primeiro caso, a consoante originou-se efetivamente como ambissilábica, dado que consolida uma fusão de consoantes em coda e onset; no segundo e terceiro casos, originou-se da própria vogal nasalizada à esquerda (em *pinho* pela perda de uma consoante intervocálica, e em *minha* por nasalização originada na consoante em onset), tornando-se onset da sílaba seguinte.²⁵

2. Espalhamento fonético do traço (igualmente fonético) [nasal] de SV da consoante para SV da vogal precedente, sobretudo em contexto no qual o alongamento da vogal acentuada sobrepõe os gestos de sua realização aos da consoante nasal seguinte.

A segunda proposta pareceria mais interessante, por nos desocupar de justificar porque OCP funciona entre Núcleo e Coda mas – aparentemente – não entre Onset e Núcleo. E também pareceria fazer mais jus ao caráter claramente fonético que os falantes nativos reconhecem nesse tipo de nasalização, talvez explicando mais facilmente seu caráter gradiente (fazendo-o depender da taxa de alongamento da vogal, relacionada à velocidade da fala, proeminência no sintagma e frase, etc)²⁶.

No entanto, Abaurre & Pagotto mostram, em uma abordagem sociolinguística de caráter estatístico, que *a presença de uma consoante nasal precedendo a variável condiciona fortemente a nasalização*, levando-os a concluir, com base nessa e outras indicações, que *o processo de assimilação da nasalização se dá em duas direções*. Além disso, mostraram que condicionamento de nasalização pela natureza do onset (vazio, preenchido, nasal, complexo, etc.) *contempla informações de cunho morfológico, uma vez que prevê a distinção entre o onset preenchido em função de juntura – tanto morfológica quanto de palavra – do onset no interior de um mesmo morfema* (Abaurre & Pagotto 1996:515). Finalmente, concluíram que esse tipo de nasalização precisa ser caracterizada como um processo intra-lexical, ou seja, atento à infor-

²⁵ Comparem-se as formas (observando a indicação de proeminência prosódica):

“*Não pode entrar sem a nova*” e “*Não pode entrar senha nova*”.

Os resultados parecem idênticos, mas no caso à esquerda sabemos que a consoante que passa a palatal e rressilábica o artigo é uma coda silábica, e não deixa de sê-lo porque passa a integrar uma sílaba nova.

²⁶ Observe-se, porém, que a hipótese (1) não nega nem descaracteriza esse caráter fonético.

mação morfológica. Isso basta para nos levar a optar pela primeira das hipóteses acima como a que melhor caracterizaria o mecanismo da nasalização do tipo referido por (ii).²⁷

Mas, e como tratar o “arquifonema” /N/, responsável pela nasalização referida como (i), ou seja, aquela produzida em contexto no qual *a vogal é núcleo de sílaba cuja coda é uma consoante superficialmente nasal – tipo (C)VN?* No caso desse fonema não parece que possamos deixar de reconhecer que o que é preponderante é *efetivamente a nasalidade*, a tal ponto que, em muitos falantes, a presença fonológica do travamento silábico só pode ser justificada pela nasalidade encontrada na vogal núcleo da sílaba de que participa, mas por nenhum traço consonantal audível à direita dela²⁸. E é tão evidente esse papel preponderante, ou seja, o de nasalizar as vogais, que sempre se tem chamado a atenção para a diferença entre esse tipo de nasalidade e aquela do tipo anteriormente visto, destacando-se costumeiramente que essa, gerada por /N/, é recurso significativo da língua²⁹.

²⁷ Ainda que não aceitemos a delimitação ao nível da palavra lexical (porque podemos encontrar nasalização em palavras gramaticais que, na posição pré-tônica, integram grupos tonais como em “do mano”, “de minha”, “o monstro”, e até situações em que se percebe o espalhamento além da sílaba precedente à consoante nasal, como em “o homem”, “o ânimo”, etc.), entendemos que a palavra fonológica define um limite que impede a referência ao processo como sendo mero detalhe de nível fonético. Em outras palavras, ainda que o final do processo se dê por espalhamento em nível fonético, sua extensão é definida antes, no domínio das restrições e princípios fonológicos.

²⁸ Fato já observado, no início dos anos 20, por Said Ali: “Vogal nasal proveniente da absorção de *n* seguido de outra consoante é fato normal em português, como em outros idiomas românicos: *çîco* (cinco), *dâsa* (dança), *mâso* (manso), *pîsar* (pensar), *frâgo* (frango), *donîgo* (domingo), *mîje* (monge), *trôco* (tronco), etc.” (Ali [1921] 1966:37). Estudo instrumental de Moraes & Wetzels (1992) corrobora essas ocorrências, encontrando nelas um alongamento (compensatório) da vogal nasal (exceto diante de fricativas). A maior duração das vogais nasais foi confirmada em pesquisa experimental de Elizabeth Gigliotti de Souza (1994), no LAFAPE-UNICAMP.

²⁹ Abaurre & Pagotto (1996:496) assim descrevem a diferença entre os dois tipos: “recordemos de que há dois contextos gerais para a ocorrência da chamada nasalização vocálica em português. Em um desses contextos, a ocorrência de um elemento vocálico nasal resulta em contraste potencial entre palavras da língua, opondo-as pelos seus significados (cf. *junta:juta*, *cinto:cito*, *lenda:leda*). No outro contexto não há contraste possível, ocorrendo uma nasalização puramente fonética (cf. *uma*, *fino*, *cama*). A observação desse fato levou estruturalistas (cf. Mattoso Câmara Jr., 1970) à conclusão de que *há, na língua, dois tipos de nasalidade*: a nasalidade fonológica, com função distintiva, e a nasalidade fonética (não-distintiva)” (grifos meus). Pode não parecer correto dizer que, no primeiro caso, *a nasalidade é fonológica e*, no segundo, fonética, uma vez que a distinção fonológica entre palavras como “canto” e “cato” seria dada já pela estrutura silábica: / caN.to / x / ca.to /. Bisol, por exemplo, propõe considerar-se a nasalidade redundante neste caso, “pois o contraste fonológico está garantido no léxico pela oposição (...) de VN versus V (seNda/seda; riN/ri)”

Além disso, como demonstrou Mattoso Câmara, tal elemento não possui traços de ponto de articulação (ou seja, é subjacentemente inespecificado para ponto de articulação), recebendo-os contextualmente da consoante *obstruinte* que seguir-se a ele, como nos exemplos do quadro 3.

1. / kaN.po / [kẽm.pɔ]	6. / saN.pa / [sẽm.pɛ]
2. / kaN.to / [kẽn.tɔ]	7. / saN.ta / [sẽn.tɛ]
3. / kaN.ga / [kẽŋ.gɛ]	8. / saN.ga / [sẽŋ.gɛ]
4. / aN fora / [ẽŋfoɾɛ]	9. / niN.ça / [nĩŋ.çɛ]
5. / kaN.ça / [kẽŋ.çɛ]	

Quadro 3 – Quadro de exemplos da assimilação de ponto de articulação nas nasais

Em todos esses casos, portanto, o ponto de articulação passa a ser partilhado entre a consoante em coda e aquela no onset seguinte. Se a consoante nasal em coda fosse analisada como obstruinte, isso explicaria melhor sua proximidade com as obstruintes, das quais recebe ponto de articulação. Não sendo obstruinte, como interpretar que tenha algo em comum com essa série?³⁰

Voltando à interpretação de Câmara Jr, lembramos que foi o primeiro a analisar as nasais em coda silábica como arquifonema resultante de neutralização na série das soantes nasais³¹. Essa análise de Mattoso Câmara apresenta, no entanto, algumas dificuldades:

(Bisol 1998:43). No entanto, em alguns falantes a consoante pode ser muitíssimo reduzida ou, possivelmente, até desaparecer, ficando ao ouvinte apenas o indício fonético da nasalidade na vogal. E vale lembrar que, em função disso, alguns lingüistas propuseram interpretar essa nasalidade como fonema suprasegmental em Português.

³⁰ Há os casos de sílaba fechada por essa consoante em final de palavra; neles, as transcrições costumam sugerir um ponto de articulação, como em: “lã” = [lẽŋ] ou “maçã” = [ma'sẽŋ] e como em “sim” = [sĩŋ] ou “fim” = [fĩŋ], ou ainda em “som” = [sõwŋ]. Sugere-se que, aí, os pontos sejam provenientes da vogal: dorsal, para [a] e [o], e coronal para o [i]. A propósito, em estudo instrumental das vogais nasais do Português Brasileiro, Souza (1994) “registrou a presença de um murmúrio nasal” que, no entanto, “seria consideravelmente coarticulado à vogal”, com a consequência, segundo a autora, de que “não apresenta sinais aparentes de transições para um ponto de articulação consonantal” (Souza 1994:127).

³¹ Cf. Câmara Jr. [1970] 1991:52 e 58.

1) Citando Vachek (1960), Câmara Jr. entende que o resultado é um arquifonema *simbolizado pelo fonema não-marcado de uma oposição* ([1970] 1982:52). Fosse esse o caso de uma neutralização (de ponto de articulação) entre nasais, dever-se-ia defender que a oposição se anularia em favor da consoante soante /n/ (dado o caráter bastante geral, entre as línguas, de alveolar ser ponto de articulação não-marcado)³². A favor de /n/ milita ainda a circunstância de ser essa a consoante que aparece quando não se pode atribuir ao ambiente fonético o empréstimo do ponto de articulação (por exemplo, em *iN+ ativo* ⇒ *inativo*). Entretanto, Mattoso Câmara propõe, em *Problemas de Lingüística Descritiva* (pg. 30), que o arquifonema em questão *só conserva o traço comum da nasalidade*, e no *Estrutura da Língua Portuguesa* (pg. 52) escreve que é *só marcado pela ressonância nasal e não pelas modalidades do embaraço na boca*.

2) Os exemplos apresentados acima mostram que não se trata de mera neutralização entre /m/, /n/ e /ɲ/, uma vez que ocorrem também consoantes que não integram o conjunto de fonemas da língua, como [ŋ] e [ɲ]. Em outras palavras, não é provável tratar-se de uma neutralização interna à série soante nasal, porque se o fosse, só poderia ser mesmo uma neutralização de ponto de articulação.

3) Trubetzkoy desenvolveu a teoria da neutralização em *Grundzüge der Phonologie*, publicado postumamente. Naquele trabalho defendeu que a distinção entre oposições distintivas neutralizáveis e oposições distintivas constantes deve ser considerada *um dos princípios básicos da teoria dos sistemas fonêmicos* (Trubetzkoy [1939] 1969:78). E, ao apresentar a noção de arquifonema, afirma categórico: *apenas oposições bilaterais podem ser neutralizadas* (Idem, p. 79). Sabemos, pela própria definição de Trubetzkoy, que oposições de ponto de articulação como, em Português, entre p – t – k, b – d – g ou m – n – ɲ, são oposições *multilaterais*, e não bilaterais. Desse modo, esse argumento se soma aos dois anteriores para recusarmos a compreensão de Câmara Jr. de que a neutralização observada em Português na coda de sílabas nasalizadas seja uma neutralização de ponto de articulação na série / m – n – ɲ /.

³² É interessante, por exemplo, que em *Problemas de Lingüística Descritiva* (de 1969), Câmara Jr. sugira que a oposição /s/ x /z/ neutraliza-se em favor desse último fonema, isto é, de /z/. A sugestão já não aparece no *Estrutura* (de 1970), onde defende que o resultado da neutralização ali é a sobrevivência de apenas um traço: *a fricção produzida pela língua*.

Mesmo que adotemos uma perspectiva mais próxima à teoria dos traços distintivos, a questão não se resolve, dada a interpretação aqui assumida de que a série /m/, /n/ e /ɲ/ é subjacentemente [soante], sendo a *nasalidade* apenas a consequência de se pretender *soanticidade* em segmento com obstrução no trato oral. O problema estaria, então, em: (i) propor um (arqui)fonema que é *soante sem obstrução* no trato oral, mas que (ii) precisa nasalizar para garantir seu caráter soante, porque ganha obstrução radical no trato oral³³. Se fosse assim por que a língua não implementaria essa ‘soante’ da forma menos custosa possível, como, por exemplo, por uma *aproximante*?³⁴

Mas, voltemos ainda à observação de Mattoso Câmara de que o arquifonema ‘nasal’ é *só marcado pela ressonância nasal e não pelas modalidades do embaraço na boca*. Assumindo, com ele, que a correlação opositiva mais importante na língua portuguesa se dá entre *soantes* e *obstruintes*, e observando que a língua portuguesa há muito não admite codas obstruintes descontínuas (p, t, k), avanço a sugestão de que as ‘nasais’ em coda representam o resultado de uma neutralização que se dá entre aqueles dois grupos.

Um resultado possível, em tais processos, é o aparecimento, na posição de neutralização, do elemento não-marcado da oposição. Como, por definição, as obstruintes não são marcadas para SV (*voz soante*), poderíamos supor que são elas, as obstruintes, os elementos não-marcados da correlação de soanticidade e, como tais, serem a realização esperada na posição de neutralização. Isso, porém, não ocorre, pois o que observamos ali são consoantes superficialmente nasais. Como explicar isso, sem abandonar a noção de neutralização, para, em uma abordagem autosegmental, sugerir um caso de subespecificação nessa posição?

Se voltarmos às lições de Trubetzkoy – que analisou cerca de 200 sistemas fonológicos para escrever os *Grundzüge* –, vemos que tipologiza as realizações possíveis de arquifonemas em quatro casos (e alguns sub-ca-

³³ Bisol (1998), para explicar a produção de ditongos nasais chega a propor, para a nasalização produzida na coda silábica, a solução representacional segundo a qual a nasal torna-se um traço flutuante, apontando a nasalidade aí como o traço fonológico relevante, claramente se distanciando de uma proposta que visse tais nasais como primeiramente soantes. Minha interpretação não fala de traços flutuantes, mas o fonema nasal não especificado para ponto de articulação tem muito em comum com a posição de Bisol, particularmente o destaque para o caráter fundamentalmente Nasal desse elemento.

³⁴ Isso resultaria em coisas como: /ka.N.po/ → [kaw.pɔ], [kaj.pɔ], [kal.pɔ] ou [ka.t.pɔ]

sos). Defenderei que o arquifonema resultante da *neutralização entre as consoantes descontínuas* do Português (isto é, entre *soantes* e *obstruintes descontínuas*) pertence ao *Caso I*:

O representante do arquifonema de uma oposição neutralizável, que ocorre na posição de neutralização, não é idêntico a nenhum dos membros da oposição. (Trubetzkoy [1939] 1969:79)

Defendo, ainda, que a esse arquifonema, no Português, aplicam-se as características (a) e (b) que Trubetzkoy arrola para o *Caso I*, a saber:

(a) Ele é realizado pelo som foneticamente relacionado a ambos os membros da oposição mas não é idêntico a nenhum dos dois. (...) O arquifonema é representado por um fone intermediário aos dois membros da oposição (Trubetzkoy [1939] 1969:79-80)

(b) Um pouco diferentes são aqueles casos em que o representante do arquifonema, em acréscimo aos traços que são partilhados com um ou outro membro da oposição, tem ainda outros traços específicos próprios a ele apenas. Traços da última categoria são, então, o resultado de assimilações aos fonemas em cuja proximidade a oposição é neutralizada. (Trubetzkoy [1939] 1969:80).

A observação em (a) justifica que, diferente das soantes descontínuas, a nasal em coda não tenha especificação de ponto; ao mesmo tempo, diferente das obstruintes descontínuas, a coda tenha a especificação de nasalidade (isto é, de véu palatino abaixado).

Já a observação em (b) justifica que, diferente das séries /m – n – ɲ/ , /p – t – k/ e /b – d – g/ , a nasal em coda pode ter outras características de ponto de articulação, assimilados do ambiente (dos *fonemas em cuja proximidade a oposição é neutralizada*).

Sendo assim, defendo que a melhor análise para os fatos do Português, que ganha possibilidade explicativa na representação proposta (D'Angelis 1998), é a que sugere:

1. A série consonantal /m/, /n/ e /ɲ/ integra o conjunto das *soantes descontínuas*.³⁵

³⁵ Essa análise diverge, pois, da tradicional interpretação que identifica a ocorrência de uma série “Nasal” em Português (cf., por exemplo, Cagliari 1997:28).

2. A consoante que pode compor coda silábica, nasalizando a vogal núcleo da sílaba, é uma raiz, subjacentemente especificada para o traço *nasal* (*sob o nó SP*) e inespecificada para ponto de articulação.

3. A nasalização de vogais que ocorre através da fronteira silábica (de que se tratou acima) origina-se do partilhamento fonológico do traço SV (favorecido ou favorecedor de ambissilabidade), que resulta no espalhamento fonético da nasalidade empregada para o vozeamento espontâneo da consoante.

4. A nasalização das vogais que ocorrem no núcleo de sílaba fechada por consoante subjacentemente nasal dá-se pelo espalhamento regressivo, a partir da coda, do articulador SP (*Soft Palate*)³⁶, sob o qual encontra-se o traço fonológico [Nasal]. É isso que empresta a esse tipo de nasalização um “caráter distintivo”.³⁷

A conclusão nos permite, agora, construir um quadro síntese das *consoantes possíveis em coda silábica* no Português. Observe-se que se trata de um quadro construído sobre as mesmas distinções ou correlações fundamentais identificadas para a posição de onset, ou seja: *obstruintes x soantes, contínuas x descontínuas*. O quadro 4 exige, no entanto, a previsão de uma terceira posição em cada caso, a saber, uma posição em que a neutralização atinge uma das oposições fundamentais (no quadro 4, marcada por Ø).

O resultado é um quadro curiosamente simétrico. Todos os elementos possíveis na coda silábica apresentam algum grau de inespecificação: (i) /N/ neutraliza, como vimos, o contraste entre as descontínuas; (ii) /S/ neutraliza os contrastes na série das obstruintes contínuas; (iii) /L/ neutraliza contrastes entre soantes contínuas; e (iv), o caso “extremo”, representado

³⁶ Desde uma certa tradição fonológica, parece estranho falar-se em “espalhamento de nó articulador”, em lugar de espalhamento de traço (no caso, Nasal). No entanto, do ponto de vista fonético articulatório, parece apropriado pensar aquele “espalhamento” como antecipação do gesto que carrega o “estado” do traço (isto é, Nasal se o véu está abaixado; Oral, se o véu está levantado), que é favorecido na rima.

³⁷ Ainda que entenda, como Câmara Jr., que a oposição entre palavras como *juta x junta* se dê por uma distinta estrutura silábica na primeira sílaba (oral x nasalizada), também julgo importante reconhecer que a ocorrência de murmúrio nasal ou “fase consonantal” à direita da vogal em sílabas (C)VN pode ser, em muitas pessoas (e, talvez, em alguns dialetos), totalmente inatéstável (ao menos em níveis reconhecíveis auditivamente). Nesses casos, a nasalidade é que garante a interpretação correta das distinções lexicais para os ouvintes.

	OBSTRUINTES	Ø	SOANTES
descontínuas	—	N	—
Ø	—	R	—
contínuas	S	—	L

Quadro 4 – Conjunto dos elementos que podem ocupar coda silábica no Português

por /R/, que pode realizar-se tanto como soante – [r] – quanto como obstruinte – [x], e tanto como contínua – [x] ou [h] – quanto como descontínua – [r].³⁸

Disso resulta o seguinte quadro 5 de consoantes do Português, agora excluídas as representações alternativas de “erre forte” (em favor da mudança já consolidada, a que referi anteriormente) e incluídos os arquifonemas:

	OBSTRUINTES	Ø	SOANTES
descontínuas	p t k b d g	N	m n ɲ r
Ø		R	
contínuas	f s ʃ x v z ʒ S		l λ L

Quadro 5 – Sistema Fonológico Consonantal do Português

³⁸ Aqui refiro-me à realização fonética do arquifonema. Do ponto de vista fonológico, a noção trubetzkoyana de neutralização exige a postulação de um arquifonema como outro fonema, e não a mera simplificação de um quadro fonémico existente. Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem do mestre russo, onde exemplifica o conceito de *neutralização* com fatos do Francês, e conclui: *“Assim, além da oclusiva labial sonora b e da surda p, o francês possui ainda uma oclusiva labial neutralizada em relação à sonoridade: do ponto de vista fonético, esta terceira oclusiva coincide sempre com uma das outras duas(...), mas do ponto de vista fonológico é um fonema à parte”* (Trubetzkoy [1933] 1981:23 – destaques meus).

4. Conclusão

Adotando-se, para a análise do Português, uma abordagem inovadora com relação à representação (e interpretação) da nasalidade, chegamos a uma compreensão inovadora que difere significativamente das simplificações de manual, bastante correntes, acerca do “inventário” fonológico do Português Brasileiro. As conclusões acima, acerca do sistema fonológico do Português revalorizam, ao mesmo tempo, intuições de Mattoso Câmara Jr. e a contribuição teórica de Trubetzkoy, o mestre pragueano inspirador do grande lingüista brasileiro.

E-mail: wilmar@iel.unicamp.br / dangelis@unicamp.br
Recebido em junho de 2001

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M.B.M. & E.G. PAGOTTO. 1996. Nasalização no Português do Brasil. In: Ingedore G.V. Koch (org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp/FAPESP: 495-526.
- ABAURRE, M.B.M. & W.L. WETZELS (orgs.) 1992. Fonologia do Português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, **23**. Campinas: IEL-UNICAMP.
- ALI, M. S. 1966. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. [Originalmente em dois volumes: *Lexeologia do Português Histórico*, em 1921, e *Formação de palavras e sintaxe do Português Histórico*, em 1923, pela Ed. Melhoramentos]
- BISOL, L. 1996. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- _____. 1998. A nasalidade, um velho tema. *D.E.L.T.A.*, vol. **14**, Especial: 27-46.
- CAGLIARI, L. C. 1997. *Fonologia do Português. Análise pela Geometria de Traços*. Campinas: Edição do autor.
- _____. 1999. *Fonologia do Português. Análise pela Geometria de Traços e pela Fonologia Lexical*. Campinas: Edição do autor.
- CALLOU, D. & Y. LEITE. 1990. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- CALLOU, D., J.A. MORAES & Y. LEITE. 1996. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no Português do Brasil*. In: I.G.V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado. Vol VI*. Campinas, S. Paulo: Ed. Unicamp / FAPESP:465-493.
- CÂMARA JR., J. M. 1953. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões.
- _____. 1976. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes. [1ª ed.: 1969].
- _____. 1979. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora.
- _____. 1982. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes [1ª ed.: 1970].
- D'ANGELIS, W. da R. 1998. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. Campinas: IEL-UNICAMP. Tese de Doutorado. 2 volumes.
- _____. 1999. *Nasalidade, soanticidade e vozeamento nas línguas Macro-Jê & Geometrias de Traços. Sínteses*. Campinas: IEL-UNICAMP, n° 4: 102-110.
- _____. 2000. *Aquisição do sistema fonológico do Português: correlações opositivas, traços e hierarquização*. Inédito. Submetido a *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS.
- HYMAN, L. 1975. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- LADEFOGED, P. 1971. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LEITE, Y. de F. 1990. *O pensamento fonológico de J. Mattoso Câmara Jr. Linguagem: revista brasileira de estudos de língua e literatura*. Rio de Janeiro: Presença, n° 7: 33-38.
- LOPES, E. 1987. *Fundamentos da Lingüística contemporânea*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix.
- MAIA, E. M. 1986. *No reino da fala. A linguagem e seus sons*. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- MONARETTO, V.N.O.; QUEDNAU, L.R. & HORA, D. 1996. As consoantes do Português. In L. Bisol (org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS: 205-246.
- MORAES, J. A. & L. WETZELS. 1992. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em Português. Um exercício de Fonologia Experimental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23. Campinas: IEL-UNICAMP:153-166.

- PÉTURSSON, M. 1973. Phonologie des consonnes nasales en Islandais Moderne. *La Linguistique*, 9, (1):115-138.
- _____. 1994. *Movimientos del velo del paladar en la articulación de consonantes nasales sonoras y sordas*. Seminário no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Campinas. *Handout*.
- PIGGOTT, G. L. 1992. *Variability in feature dependency: the case of nasality*. *Natural Language and Linguistic Theory*, 10: 33-77.
- RICE, K. D. 1993. *A reexamination of the feature [sonorant]: the status of 'sonorant obstruents'*. *Language*, 69 (2):308-344.
- RODRIGUES, A. D. 1984. *A obra científica de Mattoso Câmara Jr. Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 6. Campinas: IEL-UNICAMP:83-94.
- SAGEY, E. C. 1986. *The representation of features and relations in non-linear phonology*. PhD Dissertation. Cambridge/MA: MIT.
- SILVA, T. C. 1986. *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua Krenák*. Campinas: IEL-UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- _____. 1999. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto.
- SOUZA, E. M. G. de. 1994. *Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade do Português do Brasil*. Campinas: IEL-UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- TRUBETZKOY, N. 1969. *Principles of Phonology*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press [1ª ed., em alemão: 1939].
- _____. 1981. *A fonologia atual*. In: M. Dascal (org.) *Fundamentos metodológicos da Lingüística – vol. II. Fonologia e Sintaxe*. Campinas:15-35 (Publicação original: 1933).